

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
RAQUEL DE CASTRO DOS SANTOS

A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NO NÍVEL
SUPERIOR

RIO DE JANEIRO
2022

A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NO
NÍVEL SUPERIOR

1 volume

Monografia de Graduação apresentada ao Departamento de Anglo-Germânica, setor de Língua e Literatura Alemã, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisitos parciais à obtenção do título de Bacharela em Letras (Português-Alemão).

Orientadora: Érica Schlude Wels

Rio de Janeiro

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

da de Castro dos Santos, Raquel

A afetividade no processo de ensino-aprendizagem no nível superior. / Raquel de Castro dos Santos. -- Rio de Janeiro, 2022.

35 f.

Orientadora: Érica Schlude Wels.

1. AFETIVIDADE. 2. PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM. 3. NIVEL SUPERIOR. I. Schlude Wels, Érica, orient. II. Título.

Raquel de Castro dos Santos

A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NO NÍVEL
SUPERIOR

Monografia de Graduação apresentada ao Programa de Graduação em Anglo-Germânica (Português-Alemão), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisitos parciais à obtenção do título de Bacharela em Letras (Português-Alemão).

Aprovada em

Professor Doutora Érica Schlude Wels, UFRJ

Professora Doutora Mergenfel Andromergena Vaz Ferreira, UFRJ

RESUMO

SANTOS, Raquel de Castro dos. **A afetividade no processo de ensino-aprendizagem no nível superior**. Rio de Janeiro, 2022. Monografia (Graduação em Português-Alemão) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Esta monografia objetiva refletir e discorrer sobre a afetividade no processo de ensino-aprendizagem no nível superior. Observa-se a importância da afetividade na formação superior, bem como, em qualquer outro nível de ensino. A definição de afetividade indica a sua complexidade e a sua amplitude para a educação. Na universidade, as relações entre professores e estudantes decorrem da afetividade, de modo positivo que propicie o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, ou de modo negativo que dificulte o andamento desse processo.

Palavras-chave: Afetividade. Processo de Ensino-Aprendizagem. Nível Superior.

RESUMEN

SANTOS, Raquel de Castro dos. **A afetividade no processo de ensino-aprendizagem no nível superior**. Rio de Janeiro, 2022. Monografia (Graduação em Português-Alemão) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Esta monografía tiene como objetivo reflexionar y discutir sobre la afectividad en el proceso de enseñanza-aprendizaje en la educación superior. Se observa la importância de la afectividad en este nivel, así como en cualquier otro de la educación básica. La definición de afectividad indica su complejidad y su amplitud para el proceso educativo. En la universidad, las relaciones entre profesores y estudiantes parten de la afectividad, de forma positiva que favorece el desarrollo del proceso de enseñanza-aprendizaje, o de forma negativa que dificulta el avance de este proceso.

Palabras clave: Afectividad. Proceso de Enseñanza-Aprendizaje. Educación Superior.

RÉSUMÉ

SANTOS, Raquel de Castro dos. **A afetividade no processo de ensino-aprendizagem no nível superior**. Rio de Janeiro, 2022. Monografia (Graduação em Português-Alemão) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Cette monographie vise à réfléchir et à discuter de l'affectivité dans le processus d'enseignement-apprentissage dans l'enseignement supérieur. L'importance de l'affectivité s'observe à ce niveau, ainsi qu'à indique as complexité et as amplitude pour le processus éducatif. À l'université, les relations entre professeurs et étudiants sont basées sur l'affectivité, d'une manière positive qui favorise le développement du processus d'enseignement-apprentissage, ou d'une manière negative qui entrave l'avancement de ce processus.

Mots Clefs: Affectivité. Processus d'Enseignement-Apprentissage. L'Enseignement Supérieur.

ABSTRACT

SANTOS, Raquel de Castro dos. **A afetividade no processo de ensino-aprendizagem no nível superior**. Rio de Janeiro, 2022. Monografia (Graduação em Português-Alemão) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

This monograph aims to reflect and discuss affectivity in the teaching-learning process in higher education. The importance of affectivity at this level of education occurs as in previous levels. The definition of affectivity indicates its complexity and breadth for the educational process. At the university, the relationship between teachers and students stems from affectivity, in a positive way that favors the development of the teaching-learning process, or in a negative way that hinders the advancement of this process.

Keywords: Affectivity. Higher Education. Teaching-Learning Process.

ZUSAMMENFASSUNG

SANTOS, Raquel de Castro dos. **A afetividade no processo de ensino-aprendizagem no nível superior**. Rio de Janeiro, 2022. Monografia (Graduação em Português-Alemão) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Ziel dieser Monographie ist es, Affektivität im Lehr-Lern-Prozess in der Hochschulbildung zu reflektieren und zu diskutieren. Die Bedeutung der Affektivität tritt auf dieser Bildungsebene wie in den vorherigen Ebenen auf. Die Definition von Affektivität weist auf ihre Komplexität und Breite für den Bildungsprozess hin. Na der Universität ist die Beziehung zwischen Lehrenden und Studierenden affektiv geprägt, in positiver Weise, die die Entwicklung des Lehr-Lern-Prozesses begünstigt, oder in negativer Weise, die die Weiterentwicklung dieses Prozesses behindert.

Schlüsselwörter: Affektivität. Lehr-Lern-Prozess. Hochschulbildung.

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia à minha mãe, Maria Amélia, a minha grande apoiadora e incentivadora.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter sido meu refúgio e minha fortaleza durante o período da licenciatura em Português-Alemão.

Agradeço à minha família por ter sido a minha base e meu incentivo a continuar e concluir o curso.

Agradeço à minha orientadora, Érica Wels, por ter-me aceitado como orientanda e por todo aprendizado que obtive com a pesquisa até a conclusão da monografia.

“Mestre não é quem ensina, mas quem de repente aprende.”

(João Guimarães Rosa)

SUMÁRIO

Introdução.....	14
1 A afetividade como mediação do processo de ensino-aprendizagem.....	15
1.1 Definindo afetividade.....	15
2 A afetividade na educação do ensino superior.....	20
2.1 A afetividade e o ensino superior.....	20
2.2 A afetividade e a relação professor-aluno no nível superior.....	23
2.3 Estratégias de afetividade na educação do nível superior.....	27
Conclusão.....	32
Referências Bibliográficas.....	34

INTRODUÇÃO

Esta monografia apresenta como tema central a afetividade e seus meandros no ensino superior. Ao longo da vida escolar, a afetividade faz-se presente através das relações humanas estabelecidas, seja de maneira positiva ou negativa. No nível superior, ela também está presente, acompanhando o estudante durante a formação acadêmica, da graduação até a pós-graduação. Depreende-se que a afetividade está ligada à formação do conhecimento e ao desenvolvimento cognitivo, posto que há a influência mútua desses aspectos na constituição humana. Eles não estão segmentados, mas, sim, perpassados entre si e funcionam concomitantemente.

No primeiro capítulo, intitulado “A afetividade como mediação do processo de ensino-aprendizagem”, articula-se a afetividade ao processo de ensino-aprendizagem. Verifica-se que a afetividade faz parte deste processo de modo expressivo e com grande importância por propiciar o estabelecimento de vínculos entre os diferentes sujeitos no ambiente educativo desde todo o percurso educativo e acadêmico.

No segundo capítulo, nomeado “A afetividade na educação do ensino superior”, há três tópicos: “A afetividade e o ensino superior”, “A afetividade e a relação professor-aluno no nível superior” e “Estratégias de afetividade na educação do nível superior”. O objetivo deste capítulo é relacionar a afetividade ao ensino superior, bem como, elucidar aspectos relacionados à relação professor-aluno com a afetividade no nível superior.

1. A afetividade como mediação do processo de ensino-aprendizagem

1.2 Definindo afetividade

A afetividade acompanha o estudante desde o início da educação básica até o final da formação superior, que pode compreender os cursos na Pós-Graduação, com Especialização, Mestrado e Doutorado. Na verdade, pode-se considerar que permeia todos os âmbitos da vida do indivíduo, acompanhando-o durante toda a existência, desde a mais tenra idade, até a idade mais avançada. Portanto, faz-se necessário refletir sobre uma possível definição do conceito de “afetividade” e sua posterior articulação no processo de ensino-aprendizagem.

A afetividade está presente nos relacionamentos humanos e nas relações estabelecidas entre o indivíduo e a sociedade. Os relacionamentos humanos decorrem da existência da afetividade que confere autenticidade para os sentimentos e as emoções suscitados. Através da apreensão de formação de sociedade elaborada pelo indivíduo, são estabelecidas conexões entre ambos, permeadas pela afetividade, levando à constituição de laços afetivos.

Para uma elucidação sobre a diferença entre os sentimentos e as emoções, os autores Adieliyon Tavares Cezar e Helena Pinheiro Jucá-Vasconcelos asseveram o seguinte:

“Os sentimentos ... possuem uma avaliação pessoal e uma tentativa de encaixe de um acontecimento específico em um esquema mais amplo das próprias experiências do sujeito.” (...)
“A conscientização da emoção é, portanto, a condição que distingue o sentimento. (...) Nas emoções é possível observar a relação entre os afetos e a expressão corporal. As reações orgânicas presentes na emoção fogem ao controle do indivíduo.” (CEZAR, JUCÁ-VASCONCELLOS, 2016, p. 7)

A partir dessa diferenciação, a complexidade da afetividade torna-se notável porque ela compreende tanto o plano dos sentimentos quanto o plano das emoções. Desde a avaliação pessoal à atitude realizada pelo indivíduo, a

afetividade carrega a carga afetiva nos relacionamentos humanos, e , assim, nos relacionamento no âmbito escolar e universitário.

É importante ressaltar a presença da afetividade no percurso do educando. Segundo Léa Barbosa de Sousa (2018), os sentimentos fazem parte indissociáveis do indivíduo e a afetividade é a base das relações humanas. De acordo com a autora, para a educação, a afetividade é indispensável na formação do aluno e torna-se extremamente importante para o desenvolvimento dele. Desse modo,

... a afetividade está presente no processo de ensino/aprendizagem, iniciando na Educação Infantil [...]. É na Educação Infantil que se inicia a construção de limite, das regras e dos valores essenciais na constituição do indivíduo, transformando-o em um cidadão de direito e conscientemente também de deveres. (SOUSA, 2018, p. 2)

Considera-se que, desde a educação infantil até a educação superior, a afetividade está presente no processo de escolarização através das relações humanas estabelecidas entre os pares, aluno-professor e aluno-aluno. A conjuntura do afeto permite o estabelecimento de conexões com uma ampla gama de sentimentos atrelados e suscitados pelo processo de ensino-aprendizagem. De certo forma, a afetividade precisa potencializar tal processo, para que o aluno se desenvolva, tanto na esfera cognitiva quanto na esfera afetiva, pois ele deve aprender a lidar cognitivamente e afetivamente com a realidade e com as relações humanas estabelecidas.

Para Marinalva Lopes Ribeiro (2010),

A depender da perspectiva, há diversos significados para o termo afetividade, como, por exemplo: atitudes e valores, comportamento moral e ético, desenvolvimento pessoal e social, motivação, interesse e atribuição, ternura, inter-relação, empatia, constituição da subjetividade, sentimentos e emoções. [...] a afetividade é analisada no âmbito pedagógico, especificamente na relação educativa que se estabelece entre o professor e seus alunos na sala de aula, e é apresentado como sinônimo de dimensão afetiva e relação afetiva. Do nosso ponto de vista, a afetividade é impulsionada pela expressão dos sentimentos e das emoções e pode desenvolver-se por meio da formação. (RIBEIRO, 2010, p. 1-2)

A afetividade pode ser desenvolvida na formação do aluno e não estar resumida somente nas relações estabelecidas pelos sujeitos pertinentes à educação. E a educação é essencial para o desenvolvimento da afetividade nos alunos, como ambiente social e não familiar. Pode-se considerar que a escola representa o vínculo do educando com o saber institucionalizado da comunidade letrada da qual ele faz parte como sujeito, na medida em que as relações de afetividades presentes entre os pares indicam os saberes compartilhados entre os sujeitos. Se a relação aluno-professor é diferente da relação aluno-aluno, a afetividade ocorre com nuances, de modo que haverá diferenças nas relações compreendidas pelo processo de ensino-aprendizagem dos diferentes sujeitos envolvidos.

Os sentimentos e as emoções fazem parte de todo relacionamento humano, de modo que a anulação deles no ambiente escolar tornaria a educação um processo meramente cognitivo e ilusório, pois descartaria a importância dos afetos na aproximação do sujeito ao processo educativo. Não se pode desvincular o cognitivo do afetivo, porque o ser humano não processa a realidade de modo estanque – isso é feito sempre de forma mediada, como através de um filtro. As produções artísticas, também presentes na escola e na universidade, indicam, por exemplo, o necessário e intransponível vínculo entre o cognitivo e o afetivo.

De acordo com Elisângela Suraya Gomes e Ramos (2020), a afetividade é necessária para o desenvolvimento psicológico e para o desenvolvimento social. Há autores que reúnem à afetividade as relações familiares, porém as relações escolares também compreendem a existência da afetividade na sala de aula, não somente na educação infantil, mas, também, nos demais níveis de ensino. A afetividade possui um caráter humanizador, como diz a autora:

[...] Como sujeitos, todos somos singulares e temos uma cultura e uma história que vão constituindo nossa forma de pensar, de sentir, de nos relacionarmos, de produzirmos nossas ações e nossas crenças. Levando em conta essa nossa constituição – que vai nos humanizando à medida que interagimos em relações que, de fato, humanizam – percebemos que a afetividade é um elemento significativo. (RAMOS, 2020, p. 2-3)

As relações estabelecidas entre os sujeitos nas instituições educativas colocam em evidência as singularidades de cada um, a cultura e a história

concernentes, que, em diálogo com as demais, vão construindo cada sujeito, humanizado pela afetividade. Através da interação, as relações humanas são estabelecidas, de modo que a afetividade se torna fundamental por dotar de humanidade a todos. Através da educação isso se torna possível, quando a afetividade torna-se agregadora na constituição cultural e social. Portanto, reitera-se a importância da afetividade na constituição das relações escolares, inclusive para o desenvolvimento do processo cognitivo.

Consoante Gabriella Garcia de Souza *et alii* (2020),

A palavra afeto apresenta uma definição histórica, originária do latim *affectur* (afetar, tocar) que é o componente básico da afetividade. [...] Numa transposição para o ambiente escolar, a temática envolve a utilização de meios para se fazer com que o processo ensino e aprendizagem seja recompensador e gratificante, tanto para alunos, quanto para todos os outros envolvidos no processo de alguma forma, especialmente para o professor. [...] Além disso, em virtude de alguns desconhecerem ou mesmo desconsiderarem a importância do trabalho afetivo dentro da sala de aula, a criança pode se sentir vulnerável. (SOUZA et alii, 2020, p. 110-111)

Como indicado na origem da palavra “afeto”, a afetividade é o exercício e o encontro do afeto, do toque intangível que alguém pode exercer sobre o outro e vice-versa. A afetividade é o despertar do corpo para o afeto que atravessa a escolaridade e a aproximação entre os diferentes sujeitos. Considera-se que o processo de ensino e aprendizagem com afetividade se torna mais prazeroso, uma experiência recompensadora.

Faz necessário também a existência de uma proposta de ensino que ajude a todos para a convivência harmônica, no sentido de que não haja prejuízo do sujeito, como a sua anulação ou escamoteamento. É necessária a observação de que o professor precisa tornar a educação um processo de pertencimento e desenvolvimento humanos, em que o aluno precisa sentir-se em uma troca de experiências e participante de um constante aperfeiçoamento.

O estabelecimento das experiências e das relações afetivas são diálogos entre os envolvidos no ambiente pedagógico. De certo modo, podem perdurar além dos muros das escolas e ser fundamentais na formação dos sujeitos. A afetividade na educação não é um movimento unilateral, mas sim permeado por muitas vias que compõem o ambiente escolar. As trocas de

experiências são compartilhadas por todos que compõem a escola, o colégio e a universidade.

Não há uma experiência melhor ou pior do que outra, pois enquanto experiências, contribuem para o desenvolvimento do aluno e do professor, como elementos fundamentais da educação. A afetividade fortifica as relações estabelecidas dentro da sala de aula. O vínculo de confiança estabelecido permite que a participação e a interação de todos ocorram sem prejuízo e sem descaracterização dos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

2 A afetividade na educação do ensino superior

2.1 A afetividade e o ensino superior

Como afirmado anteriormente, a afetividade perpassa toda a trajetória dos aprendizes, desde seus primórdios, na Educação Infantil, iniciado em Creche, no pré-escolar, passando pelo Ensino Fundamental e Ensino Médio, pertencentes à educação básica, até a educação profissional técnica e a educação de jovens e adultos, além da educação especial, do Ensino Superior, na graduação, licenciatura ou tecnólogo, na pós-graduação, *stricto sensu* (mestrado e doutorado) ou *lato sensu* (especializações), e até mesmo no pós-doutorado.

Ao longo do percurso, são construídas relações de afetividade, entre os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. O desenvolvimento humano permite observar as mudanças das relações de acordo com a mudança da escolaridade. O próprio amadurecimento humano e cognitivo permite que a apreensão da realidade seja modificada e não seja vista somente através de um olhar dual, mas, sim, plural. Há ressignificações sobre o percurso educativo e sobre as relações estabelecidas durante esse processo vivido.

Pela legislação vigente, como a LDB (Lei 9394), de 1996, a educação básica tem a finalidade de promover o exercício da cidadania e a progressão no estudo e no trabalho, enquanto o ensino superior deve primeiramente fomentar a criação cultural e o desenvolvimento científico.

Geralmente, o ensino superior é visto de forma mais pragmática, em detrimento do enaltecimento do uso da razão pelo viés científico de produção de conhecimento, de modo que elementos relativos à emoçãoⁱ e ao sentimento na formação do sujeito, não aparecem na legislação referente a esse tipo de ensino. Ainda que haja menção ao plano cultural, este não é desmembrado nem detalhado. Tampouco é mencionada a subjetividade, a criatividade e a relação de coletividade inerentes à cultura. A afetividade aparentemente é escamoteada do plano superior, mas, no entanto, sabe-se que as relações

humanas são dotadas de afetividade, ao longo de toda vida, acadêmica ou pessoal.

No artigo “Afetividade e aprendizagem no ensino superior”, Gabriela Aita e Cíntia de Souza Alferes Araújo (2006) destacam os seguintes pontos sobre a importância da afetividade:

Assim, se o desenvolvimento afetivo se dá paralelamente ao desenvolvimento cognitivo, as características mentais de cada uma das fases do desenvolvimento serão determinantes para a construção da afetividade. Nessa perspectiva, as atividades que enfatizam a aquisição de conhecimentos e o desenvolvimento de habilidades intelectuais em detrimento ao aspecto afetivo estão ultrapassadas e não atendem às concepções vigentes da educação atual.

Tendo em vista a importância da promoção do desenvolvimento afetivo do aluno como meio de se obter a formação equilibrada e necessária para o aprendizado na universidade e na vida, é preciso que sejam adotadas medidas significativas, consistentes, sistemáticas e eficazes de ação, com vista à promoção e avaliação do aspecto afetivo. (AITA e ARAÚJO, 2006, p. 51-52)

As autoras explicitam questões importantes sobre a afetividade, como a importância da relação entre afeto e cognição, pois na educação ambos caminham juntos na formação do estudante, oriundos das ações humanas. A afetividade realiza o movimento duplo de construir identidade e relacionamentos.

Dessa forma, fica explícito a supervalorização do desenvolvimento da inteligência e a desvalorização do desenvolvimento da afetividade na Educação Superior, através dos documentos oficiais e das legislações referentes ao nível escolar. Isso gera uma balança desequilibrada, posto que a importância da afetividade na formação do indivíduo deve ser considerada na vida escolar e acadêmica, para que o indivíduo tenha pleno desenvolvimento de suas faculdades psíquicas e cognitivas.

Não é somente a inteligência que é importante, uma vez que o ser humano é dotado de sentimento e emoção. O equilíbrio proporcionado pela afetividade pode permitir a manutenção do estudante no nível superior e pode ajudá-lo nos momentos difíceis que possam surgir ao longo de sua trajetória acadêmica.

Dito de outra forma, não adianta o indivíduo ter a inteligência superdesenvolvida e a afetividade, atrofiada. Tanto uma quanto a outra devem

caminhar juntas, ao longo do processo educativo. O ser humano deve saber lidar com as emoções e os sentimentos, aspectos que estarão sempre presentes na existência humana, independentemente do tempo e do espaço em que ele esteja, assim como deve atuar com inteligência diante do que ocorra na realidade.

A afetividade compreende situações, interações, percepções e cognições que transcorrem ao longo do processo de ensino e aprendizagem. No nível superior, espera-se que o estudante esteja melhor formado afetivamente e cognitivamente do que um aluno do nível básico. No entanto, as vivências e as experiências são diferentes para cada pessoa e as cobranças também. O grau de dificuldade é considerado maior, devido ao aprofundamento científico.

Ainda pode-se vislumbrar que há uma ruptura entre o objetivo da educação básica e o do ensino superior. A educação básica é para todos e o ensino superior é para alguns. Quem conseguiu ter acesso ao nível superior, passou por etapas, como avaliações somativas (Enem) e vestibulares, e por classificações (pontuação) para poder se classificar na vaga, o que indica que é uma sobrecarga para alguns alunos que não tiveram preparação para esse procedimento nem tiveram acesso a informações sobre esse sistema durante a sua educação básica. Trata-se de uma estrutura de ensino que afunila o acesso e muitas vezes, torna-se instrumento de pressão emocional, pois dá margem ao grande dilema estudantil: conseguir entrar na universidade ou concluir os estudos no final do Ensino Médio.

A importância da afetividade no Ensino Superior deveria ser melhor considerada pelas universidades, por ser inerente às relações humanas, como defendemos anteriormente, e por mediar o diálogo entre docente-discente. O Ensino Superior pode apresentar barreiras para os estudantes, como o difícil acesso para quem mora longe das universidades, o que gera um alto tempo de deslocamento no trânsito, o gasto com o meio de transporte e com a alimentação, e o alto custo do material didático.

Por mais que se considere mais importante a aquisição de conteúdos, de acordo com um ponto de vista pragmático, a afetividade permeia todas as atividades de pesquisa e formação do universitário. Não se pode excluir a afetividade do ambiente acadêmico universitário. Por isso, as universidades

deveriam pensar em estratégias para promover a articulação entre o cognitivo e o afetivo para melhor atender o aluno.

Segundo Giulliana Novaes Oliveira, em seu trabalho final de curso, intitulado “Afetividade e formação de professores” (2014)

Considera-se a afetividade uma importante dimensão para a formação escolar do sujeito, em particular, para a formação de professores em nível superior tendo em vista que se trata de uma dimensão que não se aprende apenas na teoria como se fosse algo a ser, no futuro, implementada. Esta dimensão precisa ser praticada durante a formação para a docência. (OLIVEIRA, 2014, p. 24)

A autora igualmente considera a importância da afetividade e ainda acrescenta a importância da afetividade nos cursos superiores de formação de professores. Na questão apresentada, a presença do reconhecimento dos afetos como mediadores fica ainda mais sensível, uma vez que o magistério pressupõe o contato permanente com aprendizes, suas emoções e seus sentimentos.

As licenciaturas devem considerar a afetividade como parte do currículo, porque, de forma prática, podem formar docentes aptos a trabalharem com afetividade com seus alunos. Apesar da falta da base legalista, a afetividade é essencial para o ensino superior, pois permite a criação e a manutenção de conexões e de vínculos de conhecimentos, de aprendizagens e de comunidades.

2.2 A afetividade e a relação professor-aluno no nível superior

É através da relação pedagógica entre o professor e o aluno que ocorre o processo de ensino e aprendizagem tradicional, no sentido de processo educativo na sala de aula. Isso acontece em qualquer nível escolar. Com a maioria, é o estudante universitário que pratica todos os atos da vida acadêmica com autonomia. É para isso que é preciso inteligência e afetividade, para manter equilíbrio diante das diferentes situações. A experiência didática e a afetiva do estudante no ensino superior ocorrem no ambiente universitário.

Sobre a importância da afetividade na relação entre professor e aluno, Lidimar Jane Oliveira Ilário e Neire Abreu Mota Porfiro (2017), no artigo “A importância da afetividade na aprendizagem do aluno”, apresentam o seguinte posicionamento:

O vínculo afetivo entre professor e aluno é uma condição proveitosa, onde auxilia a aprendizagem, pois se torna dinâmica e causa um sentido ao aprendizado. Mesmo estando sujeito a normas institucionais de ensino, esse convívio acaba sendo o centro do processo que tem como prioridade o ensino do aluno. Essa relação professor aluno é mais traçada pelas ações, pois um dirige o outro e pode ser afetada pelas ideias mutuas compartilhadas e conceitos entre alunos e professores. Muitas vezes, essas relação podem ser cheias de conflitos, baseando no convívio de diferentes culturas, valores e objetos diferentes. (ILÁRIO e PORFÍRIO, 2017, p. 3-4)

As autoras determinam elementos centrais para a constituição da afetividade. Sob um viés prático, a afetividade é dinâmica, ocorre no vínculo do estudante com o redor. Se a afetividade é o núcleo, todo o ambiente universitário o envolve ou está envolvido por ele. As relações humanas na sociedade servem para a interação do sujeito com a alteridade e com a comunidade da qual faz parte.

Através da cultura, pode-se observar e compartilhar sentidos de existência e de conhecimento. Desse modo, a afetividade permite que indivíduos tornem-se um grupo, no sentido de pertencimento, através de trocas afetivas a partir das experiências de vida, da sensibilização do mundo e do desenvolvimento cognitivo, proporcionados pelas interações sociais e vivências pessoais.

Assim, a relação professor-aluno fomenta a afetividade, podendo dar-se sob um viés positivo, com relação construtiva, ou sob um viés negativo, com relação destrutiva, no sentido de que a afetividade pode potencializar o aprendizado do estudante, construindo um percurso de desenvolvimento cognitivo, ou pode prejudicar o aprendizado discente, criando barreiras que impeçam o desenvolvimento discente no processo de aprendizagem, podendo não alcançar as habilidade e competências ou dificultado o cumprimento das tarefas.

A educação é fruto da cultura e pode divergir de acordo com a comunidade escolar, podendo variar por questões regionais ou étnicas, por exemplo. A afetividade então diz muito sobre como a educação é vista para determinado grupo, através dos procedimentos e métodos pedagógicos, e, também, das relações estabelecidas dentro da sala de aula. Devido a isso, os conflitos podem existir, por questões ideológicas, por exemplo, ou por questões econômicas e sociais.

O ambiente escolar demonstra a sociedade da qual se faz parte; de certa forma, é um micro-organismo, de representatividade de segmentos ou estruturas sociais. Por isso, a afetividade pode torna-se ingrediente indispensável na relação professor-aluno, por demonstrar como as relações de poder se dão para aquele determinado grupo em comunicação e interação. Apesar de não ser considerada tão importante quanto é de devida importância, a relação professor-aluno é a base do processo pedagógico. Seja pelo ensino remoto, pelo ensino a distância ou pelo presencial, a interatividade entre ambos se dá pelas trocas de valores e de conhecimentos. A afetividade aproxima o professor e o aluno e cria conexões que permitem maior fluidez do processo educativo.

Torna-se importante a observação de que a educação, hoje em dia, não pode ser vista somente com o olhar tradicional, de preconizar o depósito de conteúdo em via de mão única sob o aluno, sem a percepção de que há, na sala de aula, sujeitos no processo de ensino e aprendizagem, dotados de intelecto e de sentimento a serem fomentados através do processo cognitivo e do afetivo, tal como o professor. Através da relação entre ambos, a educação acontece no ambiente escolar.

O professor deve estar atento para os alunos que compõem a sala de aula. Trata-se de um ambiente composto por diversidade, segundo todos os segmentos sociais, econômicos, políticos, culturais, ideológicos, religiosos, familiares e educativos que compõem a sociedade. O professor possui, portanto, uma árdua tarefa, pois, em muitos casos, trabalha em duas escolas ou mais, às vezes todos os dias da semana, para poder compor o seu salário como docente.

Isso pode gerar desgaste físico e mental, prejudicando o exercício de sua atividade profissional e pode prejudicar nas relações pedagógicas afetivas com os alunos, por causa do cansaço. Em relação ao nível superior, há muitas demandas para o professor universitário, que deve exercer a profissão com as aulas das disciplinas da grade curricular na graduação e na pós-graduação, da pesquisa acadêmica, pois deve publicar livros e artigos, e apresentar resultados dela, e da orientação, com a orientação de alunos, desde a graduação, com a iniciação científica ou trabalho final de curso, até a pós-graduação, com cursos de especialização, mestrado e doutorado, com diferentes temas de pesquisas para a monografia, dissertação e tese.

A afetividade pode fomentar um espaço universitário agradável para todos os envolvidos, pois torna-se um ambiente orgânico em que as relações entre todos tornam-se um tecido vivo de compartilhamento e estreitamento de laços. No entanto, a proeminência de uma frente à pluralidade de pensamento e de convicções pode impedir a existência de relações saudáveis, contudo, a possibilidade e o fortalecimento de relações humanas construtivas sempre podem ser vistos como elemento potencializador para o desenvolvimento humano e acadêmico.

O professor empático e afetivo pode perceber as dificuldades do aluno e direcioná-lo a atividades, trabalhos e ações que sanem as dúvidas e as dificuldades, auxiliando-o a aprender e a se desenvolver na matéria e na disciplina. Tornando-se assim ambos bem sucedidos no empreendimento das práticas pedagógicas. A empatia faz com que o professor conheça a dificuldade do aluno e reconheça que ela é possível de ser superada. A afetividade permite que o professor lide com o aluno incentivando-o à aprendizagem, ao oferecer-lhe possibilidades de caminhos para que se sinta satisfeito ao aprender por intermédio do professor.

Ao estabelecer-se a relação professor-aluno, cria-se um vínculo memorável que pode se manter inesquecível. Esta relação é permeada por diferentes níveis, o cognitivo, o psíquico e o afetivo. Acredita-se que, no ensino superior, o aluno já está com uma formação mais sólida do que se comparado aos níveis anteriores de ensino. De certo, o aluno deixa a adolescência e começa a vida adulta.

Em tese, sabe lidar melhor com seus sentimentos e suas emoções, pois já não tem o capricho e a inocência da infância. Decerto, para entrar no ensino superior público e privado há as provas de vestibular ou Enem. Estima-se que são os alunos melhor preparados que chegam à universidade. Portanto, os professores teriam os alunos mais motivados e instigados ao conhecimento à sua frente, aptos a relações saudáveis, ainda que haja alunos com ações destrutivas com os professores. No entanto, acredita-se que o aluno universitário chegue à faculdade com “sonhos” de que o melhor aconteça em sua vida, como, por exemplo, formar-se um excelente profissional, assim como, o professor, deseja, a cada período, que o melhor período ocorra.

2.3 Estratégias de afetividade na educação do nível superior

O professor possui o papel essencial de levar o aluno adiante, ao proveitoso desenvolvimento escolar. Do grego, a palavra “pedagogia” refere-se à condução da criança. O professor torna-se o guia, o direcionador do conhecimento e, assim, parte essencial do processo pedagógico, seja em qualquer nível de ensino, da educação básica ou do ensino superior, incluindo os cursos de pós-graduação. O professor conduz o aluno através das práticas pedagógicas, ao avaliar e redimensionar os conhecimentos, as competências e as habilidades, de acordo com a realidade pedagógica da sala de aula.

O professor atual é visto como mediador, aquele que faz-se presente no processo educativo, mas não ganha mais importância do que o aluno. O conhecimento não está centralizado no professor, porém este deve permitir o acesso do conhecimento ao aluno, que deve possuir uma atitude ativa no processo de ensino e aprendizagem, a fim de fomentar autonomia. O professor, de certo modo, ainda direcionaria o aluno no seu percurso de formação de conhecimento, mantendo assim a essência da palavra “pedagogia” oriunda do grego, levando-o para além da ignorância, do desconhecimento e do obscurantismo.

A educação também possui o sentido etimológico de criar o aluno, formá-lo, nutri-lo, fazê-lo crescer. Através do professor, o aluno pode ser formado na sala de aula e alcançar o objetivo de, no fim da disciplina, ser aprovado. Através da prática pedagógica, o professor pode fomentar o crescimento do aluno, e, também, pode permitir que o aluno se perceba como sujeito em formação e em desenvolvimento, e encontre subsídios que o ajude a ocupar espaços que não ocupava até então.

O ensino superior é veiculado como o ápice da vida estudantil. Há casos em que dispense-se altas quantias na formação do aluno para que ele chegue à universidade pública. Há casos também em que aquele jovem é o primeiro indivíduo da família a passar para a faculdade, como aluno oriundo de escola pública. São muitas realidades diferentes dos estudantes, com cursos universitários mais elitistas do que outros, e, muitas vezes, o professor pode conduzir o estudante ao objetivo de aprovação. Obviamente, cada aluno é um sujeito autônomo que deve saber os direitos e as obrigações necessárias para obter a aprovação e a conclusão do curso.

Não restam dúvidas de que a prática docente pode fazer o diferencial na sala de aula para que o aluno conclua satisfatoriamente curso. Luana Monteiro (2021), no artigo “Afetividade na prática docente”, assevera que a afetividade é elemento central na prática docente. Contudo, ao se pensar o contexto da sala de aula, a afetividade não é uma palavra presente no cotidiano, apesar de que esteja presente na consideração de que se achou tal professor excelente e outro, muito simpático, ou aquele, desagradável etc. A prática docente proporciona o diferencial para se traçar uma relação afetiva muitas vezes na sala de aula. Desse modo:

O trabalho pedagógico está intimamente ligado ao sistema de representações que o professor tem na sua relação com o outro. Sua intenção com o aluno está imbuída na capacidade de afetar o outro, possibilitando ou dificultando, estimulando ou não sua potência de agir. Reconhecer tal afetação no desenvolvimento da profissão docente é o que compreendemos como necessário trabalhar nos processos de formação inicial e continuada de professores. (MONTEIRO, 2021, p. 122)

Para a autora, todo o processo educativo decorre da relação do professor com o aluno. O professor pode afetar de forma positiva ou de forma

negativa o desempenho do aluno. É notória a existência de histórias sobre como o professor prejudicou um determinado aluno ou sobre como o professor foi extremamente humano com alguém. A autora acrescenta que a afetividade está inserida na prática pedagógica dos professores. Assim:

As escolhas didáticas realizadas pelo professor para o processo de ensino aprendizagem, a estratégia adotada para introdução de um novo objeto de conhecimento e para recepção dos alunos em um novo ciclo escolar, as escolhas metodológicas para o trabalho com dificuldades de aprendizagens, entre outras atividades realizadas por esse profissional implicam diretamente na relação com o outro, nas representações que pode proporcionar, despertar no aluno, na capacidade de afetar, de forma positiva ou negativa. A sala de aula compreende um espaço afetivo, em que emoções, sentimentos, motivações e interesses que congregam a todo momento com o desenvolvimento cognitivo. (MONTEIRO, 2021, p. 122)

Para a autora, a didática do professor pode ou deve perpassar a afetividade no processo educativo. A metodologia deve ser atenciosa para auxiliar o progresso dos alunos. Por mais que seja criticado, o espaço da sala de aula é altamente potencializador da afetividade e da identidade. Pensar a prática pedagógica como processo de afetividade permite o estabelecimento de conexões entre os elementos referentes à aula e os principais elementos formadores da aula, isto é, professor e alunos. Através da prática pedagógica, o professor se aproxima ou se distancia dos alunos, ao estabelecer ou manter vínculos com os alunos ou não. As escolhas pedagógicas revelam o procedimento profissional que subjaz da compreensão que o professor tem sobre a afetividade, bem como, do seu modo de agir em relação a ela.

A sala de aula não pode ser resumida ao desenvolvimento cognitivo. Os professores são seres sociais e, como seres humanos, têm sentimentos e emoções nas constituições. Dessa forma, a afetividade não deve ser banida da sala de aula, independentemente da consideração de que o ensino superior tenha foco no conhecimento, no pensamento científico, na pesquisa e na extensão. Em todas as áreas do universo do ensino superior, há profissionais e alunos que precisam um do outro para ocupar o espaço no ambiente universitário: estudantes, funcionários e professores.

O ensino superior, assim como os outros níveis da educação básica, deve promover um ambiente inclusivo para todos os sujeitos envolvidos no

processo educativo. Portanto, de acordo com Scheilla Conceição Rocha e Cândida Luisa Pinto Cruz,

A escola contemporânea assume o papel de adequar seu currículo e seu método para instruir e educar, compreendendo a singularidade de cada ser, promovendo a inclusão daqueles que perante a sociedade estavam excluídos por não haver o olhar de que estes também são capazes de aprender e conviver socialmente. Para tanto, basta dar-lhes a oportunidade e meios de acessibilidade em um mundo que não foi pensado para as deficiências. (ROCHA; CRUZ, 2017, p. 5)

A inclusão é perpassada pela afetividade no ambiente escolar e, às vezes, requer a participação efetiva para que ocorra de fato, sem que acarrete prejuízos e danos, caso não seja efetuada, principalmente nos casos em que os deficientes possam ser prejudicados por alguma prática docente no ambiente universitário. Deve-se pensar os estudantes sob um viés igualitário, de modo que aquele estudante que possua deficiência pode precisar (e obter) de meios diferentes para alcançar os objetivos.

Em relação à inclusão, é necessário uma sociedade que atenda a todos, em todos os níveis, não só no da educação. Sobre essa questão, Leticia Ferreto Camargo, Marilice Mugnaini Soffa e Daniel Markowicz postulam o seguinte:

Diante a contramão deste processo de inclusão, pretende-se ir além da inserção dos alunos na escola, exigindo uma mudança na estrutura social vigente, no sentido de se organizar uma sociedade que atenda aos interesses de todas as pessoas, indiscriminadamente. Sabe-se que o Capitalismo gera a exclusão social, e neste aspecto, as práticas integracionistas favorecem a manutenção deste sistema quando propõe que cabe a cada pessoa adaptar-se à estrutura social vigente. Já o processo de inclusão denuncia as desigualdades e o desrespeito às minorias, reivindicando não só a mudança de estrutura física, mas também de concepções pensamento e planejamentos de sociedade, procura-se uma nova forma de organização social em que as diferenças individuais sejam respeitadas e não menosprezadas. (CAMARGO, SOFFA, MARKOVITZ, 2016, p. 3)

O sistema educativo, portanto, pode ser segregador por discriminação, mantenedor das desigualdades e separar os estudantes por exclusões segundo suas necessidades. Torna-se, portanto, fundamental a educação

romper com a estigma e promover a inclusão nas práticas pedagógicas e no ambiente do ensino superior.

Promover a inclusão pode ser um desafio, mas sem isso pode ocorrer danos que podem acarretar em malefício da vida acadêmica do aluno, além de propiciar desvantagem. A inclusão pode estreitar laços afetivos, que são fundamentais para servir como incentivo para que o aluno se desenvolva e seja aprovado, apesar das dificuldades que foram superadas pelo movimento inclusivo.

A afetividade pode proporcionar também a reivindicação da própria história do aluno. É de conhecimento de que há alunos julgados pela aparência, pelos erros cometidos ou pelas atitudes pelos professores. A partir da perspectiva decolonial, abre-se margem para que o aluno reivindique seu lugar na universidade, seja nos cursos mais tradicionais, seja nos cursos mais flexíveis. Segundo Ramos 2020,

Educar com a afetividade numa perspectiva de libertação é fazer com que os estudantes se sintam reconhecidos em todos os sentidos na sua vida acadêmica e fora dela. Quando um educador reconhece que o seu trabalho implica resgatar a história de vida dos seus estudantes e fazer o exercício de reconhecimento, resistência e do empoderamento de cada um, levando em conta as suas histórias, a sua ancestralidade, e fazer da escola uma comunidade onde os estudantes se sintam representados, já é um passo para uma educação libertadora. (RAMOS, 2020, p. 17)

A educação é reivindicada para a afetividade da libertação. O aluno dotado de sentimento, de experiência e de vivência não pode ser anulado pelo viés cognitivo e nem resumido por ele. Descentraliza o foco do olhar único vindo do outro (professor) sobre ele (aluno). A afetividade permite que a alteridade seja percebida e reconhecida na construção do ambiente escolar. Por isso, aquilo que o aluno traz como bagagem cognitiva, psíquica, existencial, é tão importante quanto o que ele vai aprender, de certo modo, mais sistematizado ou mais aprofundado.

Por ter sido mencionada a perspectiva decolonial, percebe-se a importância do esclarecimento sobre esse conceito. Para tal, insere-se a postulação de Walter Mignolo para as (des)colonialidades:

(Des)colonialidades é um conceito cujo ponto de origem foi o Terceiro Mundo. Para ser mais preciso, surgiu no mesmo momento em que a divisão em três mundos se desmoronava e se celebrava o fim da história e de uma nova ordem mundial. (...) a “colonialidade” fazia sentirem-se cômodas principalmente pessoas de cor em países desenvolvidos, migrantes e, em geral, uma grande maioria daquelas pessoas cujas experiências de vida, memórias longínquas e imediatas, línguas e categorias de pensamento foram alienadas por parte daquelas outras experiências de vida, memórias longínquas e imediatas, línguas e categorias de pensamento que deram lugar ao conceito de “biopolítica” para dar conta dos mecanismos de controle e das regulações estatais. (MIGNOLO, 2017, p. 14)

Pela decolonialidade os silenciados e os escamoteados da sociedade tornam-se voz e presença na sociedade. As existências humanas não podem ser ignoradas, mas, sim, afirmadas, independentemente da sua posição na escala social. E, inclusive, pode acessar esferas que antes lhes foram negadas. Ao relacionar a decolonialidade à educação, propõe-se permitir a formação do estudantes para ocupar espaços que não tenham sido acessados por eles. De certo modo, a educação superior permite isso aos alunos, o acesso a um emprego.

Partindo-se do olhar afetivo, pode-se libertar das imposições descabidas e humilhantes exercidas pelos professores, pode-se deflagrar a apresentação de si no ambiente universitário, pode-se anular a baixa autoestima que potencializa doenças psicológicas e psicossomáticas e pode-se evitar o fracasso escolar e a evasão que estão presentes nas faculdades.

Considera-se, portanto, que a revisão da prática pedagógica seja algo desejável permanentemente, pois permite que o professor esteja atualizado à época e às questões pedagógicas atuais. E a criação de estratégias de afetividades pode auxiliar o desenvolvimento e a manutenção do aluno na universidade. Os vínculos criados, que podem ajudar a facilitar o caminho até a formatura do aluno, permitem que o período do ensino superior não seja resumido a um papel em branco da sua vida acadêmica e profissional. A afetividade contribui para a conclusão do curso pelo aluno de maneira mais humanizada e mais colorida.

CONCLUSÃO

Através desta pesquisa, verificou-se que a afetividade é imprescindível para que o estudante tenha um desenvolvimento satisfatório na formação do nível superior. A ideia de maturidade e maioridade não deve anular a importância da afetividade na vida acadêmica. Ao sair da educação básica e entrar no nível superior o estudante não apaga a vida escolar e nem abdica do sentimentos e das emoções em prol do conhecimento e da racionalidade. O ser humano não é programado para esconder, ocultar nem anular a afetividade, já que cada um é ser de afetos.

Os sujeitos, no ambiente universitário, trocam afetos, culturas e existências. A universidade pode ser simbolizada como um elemento agregador ou segregador de acordo com as relações estabelecidas e das vivências dos indivíduos. O nível superior não é obrigatório segundo as leis vigentes da educação, porém é necessário para um melhor emprego no mercado de trabalho ou na vaga concursada.

Por ser sujeito social, lida-se com o outro, criando vínculos, pontos de contato ou de afastamento, mas a alteridade está presente nas relações humanas. Observou-se, portanto, que é extremamente importante o exercício e o desenvolvimento da afetividade para que a educação ocorra de fato. Seja na nota abaixo da média ou acima da média, a afetividade permite que a vida ganhe sentidos e crie conexões entre as pessoas. A sensibilidade de reconhecer-se e de reconhecer ao outro é propósito da afetividade, do que ocorre na realidade e se torna fonte de afeto.

Torna-se imprescindível considerar a afetividade tão importante quanto o cognitivo. Há quem renegue o seu espaço por considerá-la inferior ao outro. No entanto, ninguém vive sem afeto. E a falta dela no ensino superior pode causar estragos ao desenvolvimento do estudante por poder fomentar doenças psicológicas (psico-socio-emocionais), por diferentes motivos. Desse modo, a prática do professor pode ser de acolhimento ao estudando, vendo-o como um sujeito em formação, dotado de inteligência e de afeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AITA, Gabriela. ARAÚJO, Cíntia de Souza Alferes Araújo. **Afetividade e aprendizagem no ensino superior**. EDUCERE, Revista da Educação, Umuarama, 2006, p. 49-60, vol. 6, n.1, jan./jun., 2006. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/educere/article/view/158>, Acesso em: 6 de fev. de 2022.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n.º 9394**. Brasília: MEC, 1996.

CAMARGO, Leticia Ferreto; SOFFA, Mariluce Mugnaini; MARKOWICZ, Daniel. **Perspectivas sobre a Educação Inclusiva: um desafio possível**. EDUCERE, Revista da Educação, Umuarama, 2006, p. 49-60, vol. 6, n.1, jan./jun., 2006. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/educere/article/view/158>. Acesso em: 6 de fev. de 2022.

CEZAR, Adieliton Tavares. JUCÁ-VASCONCELOS, Helena Pinheiro. **Diferenciando sensações, sentimentos e emoções: uma articulação com a abordagem gestáltica**. Revista IGT na Rede, v. 13, nº 24, 2016. p. 4 – 14. Disponível em <http://www.igt.psc.br/ojs>. Acesso em 12 de fev. de 2022.

ILÁRIO, Lidimar Jane Oliveira. PORFIRO, Neire Abreu Mota. **A importância da afetividade na aprendizagem do aluno**. *Revista FAROCIENCIA*, Rondônia, 2016, v4(1), 1-7. 2016. Disponível em: <https://revistas.faro.edu.br/FAROCIENCIA/issue/view/Anais%20do%20III%20Encontro%20de%20Ci%C3%Aancia%20e%20Tecnologia>. Acesso em: 2 de fev. de 2022.

MIGNOLO, Walter. **Desafios decoloniais hoje**. Epistemologias do Sul, Foz do Iguaçu/PR, 2017, 1(1), PP. 12-32, 2017. Disponível em: <https://www.bing.com/ck/a?!&&p=f9125a7434d36340b7b929e1568d760e3493c3e6029d723222c38ef73c01d3c2JmltdHM9MTY1Mzg0MjUxMSZpZ3VpZD1iOTBjNGQ0ZC02ZGQ3LTQ4ZTEtYWlwMy0xNDQ5Mjk5YmM1NGEmaW5zaWQ9NTE5NA&ptn=3&fclid=3d59cd42-df6e-11ec-9096-91bcc6ea3488&u=a1aHR0cHM6Ly9yZXZpc3Rhcy51bmlsYS5IZHUuYnIvZXBpc3RlbW9sb2dpYXNkb3N1bC9hcnRpY2xlL2Rvd25sb2FkLzC3Mi82NDUvMjY0Ng&ntb=1>. Acesso em: 12 de fev. de 2022.

MONTEIRO, Luana. **Afetividade na prática docente**. Educação Básica Online, 2021, vol.1, is.1, Jan./Apr., p.119-124, 2021. Disponível em: <https://periodicos.editorialaar.com/index.php/educacaobasicaonline/article/download/14/13>. Acesso em: 2 de fev. de 2022.

OLIVEIRA, Giulliana Novaes. **Afetividade e formação de professores**. 2014. 43f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em:

https://www.bdm.unb.br/bitstream/10483/9455/1/2014_GiullianaNovaesOliveira.pdf. Acesso em: 6 de fev. de 2022.

RAMOS, Elisângela Suraya Gomes. **A categoria afetividade e os processos de ensino e aprendizagem**. 2020. 20 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/1839>. Acesso em 2 de fev. de 2022.

RIBEIRO, Marinalva Lopes. **A afetividade na relação educativa**. Estudos de Psicologia I, Campinas I, 2010, 27(3), 403-412, jul./ set. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/yHSYRVgtXbrdFnBHW5BVsrC/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 2 de fev. de 2022.

ROCHA, Scheilla Conceição. CRUZ, Cândida Luisa Pinto. **Afetividade no contexto escolar inclusivo**. Seminário Luso-Brasileiro de Educação Inclusiva, Porto Alegre (RS), 2017, v 1, maio 3-5. 2017. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/edipucrs/anais/i-seminario-luso-brasileiro-de-educacao-inclusiva/assets/artigos/eixo-10/completo-2.pdf>. Acesso em 6 de fev. de 2022.

SOUZA, Gabriella Garcia de Souza. CAMARGO, Eliana Anunciato Franco de. CAMARGO, José Tarcísio Franco de. VERASZTO, Estéfano Vizconde. **Afetividade e educação: meta estudo com pesquisas brasileiras**. Revista Estudos Aplicados em Educação, São Caetano do Sul, SP, 2020, v.5. n. 10, p. 109-116. 2020. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_estudos_aplicados/article/download/6359/3203/23645. Acesso em: 6 de fev. de 2022.

SOUSA, Lea Barbosa de. **A influência da afetividade na aprendizagem significativa: uma abordagem na educação infantil**. Afluente, UFMA/Campus III, 2018, v.3, n. 7, p. 77-93, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/view/9148>. Acesso em 2 de fev. de 2022.
